

**GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
UNEMAT CAMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. RENÊ BARBOUR
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA INTERCULTURAL**

FÁTIMA CINTA LARGA

CESTO DE TUCUM DO POVO *PANDEERÉÉJ*

**Barra do Bugres
2016**

FÁTIMA CINTA LARGA

CESTO DE TUCUM DO POVO *PANDEERÉÉJ*

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT, *Campus* Universitário Dep. Est. Renê Barbour, como requisito parcial para obtenção do título de Graduada em Licenciatura em Pedagogia Intercultural.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Helena Rodrigues Paes

**Barra do Bugres
2016**

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

C574c CINTA LARGA, Fátima.

Cesto de Tucum do Povo *Pandeeréj* / Fátima Cinta Larga. – Barra do Bugres, 2016.

27 f. ; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Graduação

Licenciatura em Pedagogia Intercultural, Faculdade Intercultural Indígena, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2016.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Helena Rodrigues Paes.

1. Povo Pandééréj. 2. Cultura Tradicional. 3. Cultura Material.

4. Cesto de Palha de Tucum. I. Paes, M. H. R., Dra. II. Título.

CDU 572.9(=81/=82)(817.2)

FÁTIMA CINTA LARGA

CESTO DE TUCUM DO POVO PANDEERÉÉJ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Pedagogia Intercultural – UNEMAT, Campus Universitário Dep. Renê Barbour como requisito para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia Intercultural.

Barra do Bugres, 23 de novembro de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Maria Helena Rodrigues Paes
Professora Orientadora

Prof. Dr. Wellington Pedrosa Quintino
Professor Avaliador

Prof.^a Dr.^a Mônica Cidele da Cruz
Professora Avaliadora

Prof.^a Prof.^a Dr.^a Maria Helena Rodrigues Paes
Coordenadora do Curso de Pedagogia Intercultural

**Barra do Bugres
2016**

DEDICATÓRIA

Dedico aos meus filhos: Luciana, Lucineia, Loender, Luna Tailini e Lorraine que sempre estiveram presentes na minha luta. Aos meus pais Eduardo e Judite. Ao meu irmão, Paulo Kaban, que sempre me incentivou na busca da pesquisa sobre o cesto. Ao meu professor Wellington Pedrosa Quintino, que acreditou na minha capacidade e me ajudou na correção final do trabalho. À minha comunidade da Aldeia Areão, que acreditou na minha luta para adquirir mais conhecimento.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ter iluminado a minha sabedoria para realizar esse trabalho.

Também agradeço as pessoas da minha comunidade, a Aldeia Areão, que direta ou indiretamente colaboraram para a elaboração do meu trabalho, em especial, o Sr. Eduardo Cinta Larga e o Cacique Paulo Kaban Cinta Larga.

Quero agradecer, de forma bastante especial, a Senhora Karina Kaban Cinta Larga e a Senhora Maria Kaban Cinta Larga, que tiraram muito do seu tempo e dedicaram sua sabedoria para dar as informações sobre o cesto *Pandeeréj*.

Também agradeço aos professores que me ajudaram neste trabalho.

Também agradeço a professora Maria Helena Rodrigues Paes, que me orientou e que acreditou no meu esforço durante o trabalho.

RESUMO

O povo *Pandeeréj* habita uma grande área que fica nos estados de Mato Grosso e Rondônia e muitas pessoas são falantes diários da língua materna. Também sempre praticam sua cultura tradicional, mas algumas coisas estão deixando de fazer, como o cesto de palha de tucum. Atualmente, são apenas três pessoas da minha comunidade, a Aldeia Areão, que sabem fazer o cesto, mas não estão mais ensinando os jovens a fazer este cesto, por isso achei que é importante registrar como é que se faz um cesto tradicional do povo *Pandeeréj*. Assim, esta pesquisa tem o objetivo de registrar como se faz o cesto de palha de tucum, um utensílio do povo *Pandeeréj* que mora na aldeia Areão, na região de Aripuanã-MT. Aqui vai ficar registrado como é a preparação das palhas de tucum, assim como, também, mostra como é feito o cesto de tucum e como é usado pela mulher. Tenho certeza de que todo material escrito será de grande valor para a nossa comunidade, por isso a razão de registrar os mitos e a história. Para fazer esta pesquisa foi feita entrevista com a anciã Karina Cinta larga, de trinta e oito (38) anos, Maria Cinta Larga, de setenta e oito (78) anos, as duas moradoras da Aldeia Areão. Para entrevistar eu perguntei como se faz o cesto de palha e elas foram falando e me explicando. Eu anotei o que elas falavam e depois eu digitei no computador. Eu também fotografei todas elas fazendo o cesto de palha e também como se prepara a palha para a confecção do cesto. A entrevista foi feita na nossa língua materna porque as consultoras nativas têm domínio mais da língua materna. Depois da entrevista eu fiz a versão em língua portuguesa e organizei o trabalho na sequência de passos da produção do cesto de palha do povo *Pandeeréj*.

Palavras-chave: Cultura Tradicional. Cultura Material. Povo *Pandeeréj*. Cesto de palha de tucum.

RESUMO EM LÍNGUA MATERNA

Tatía ixukuj gubáe mángae máá apini aû teet we ting pira urée menekáá. Ana atee mããj mánga wazéej na uujbi ka wemi tatia mángáá. Werebatéé e mángáe ixu tingie kala mangaenáá, ena tetéé pamanga w ema, unn déét párawáá. Wazéej watang kaj unéé gupala ta kíí tatía ixukuj e Karina pina, Maria pináá majaâ. Ena mánga máá takue tingikiáá, wexupiri kiáá wáá.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 –	Vista da Aldeia Areão	15
Figura 2 –	Grupo de Pandeeréj cantando a música do porcão e usando a flauta.....	16
Figura 3 –	Pé de Tucum	20
Figura 4 –	Mulheres começando a trançar as palhas do Tucum.....	21
Figura 5 –	Trançado do fundo do cesto secando ao sol	21
Figura 6 –	Meninas segurando um cesto de palha de tucum pronto	22
Figura 7 –	Maria Kaban Cinta Larga	23

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – O POVO PANDEERÉJ	12
1.1 Mito de origem do povo <i>Pandeeréj</i>	12
1.2 Sobre povo <i>Pandeeréj</i>	12
1.3 A aldeia Areão	14
CAPÍTULO II - O CESTO DE PALHA DE TUCUM	18
2.1 Mito de Origem do cesto de palha de tucum	18
2.2 O Cesto de Palha de Tucum.....	19
2.3 A confecção do cesto de palha de tucum	20
CAPÍTULO III - HISTÓRIA DAS MULHERES QUE SABEM FAZER O CESTO DE PALHA DE TUCUM	23
3.1 História da anciã Maria Kaban Cinta Larga	23
3.2 História de Karina Cinta Larga.....	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
CONSULTORES NATIVOS	26

INTRODUÇÃO

O povo Cinta Larga, que se autodenomina *Pandeeréj*, é um grupo indígena com mais de 1800 pessoas, as quais vivem em Terras Indígenas que ficam no Estado de Mato Grosso e no Estado de Rondônia. São falantes da língua materna que tem o mesmo nome, pertencente à família linguística Tupi-Mondé, do tronco Tupi. Os *Pandeeréj* se organizam em clãs e sub clãs: *Kaban*, *Kakin* e *Máám*. O clã *Máám* se dividia em subgrupos, os *Máándleej*, *Máágyyj* e *Máándúúleej*, mas já desapareceram. Então atualmente só tem os três clãs.

A aldeia Areão, onde moro, fica perto da cidade de Aripuanã-MT, cerca de 110 km, e nesta aldeia moram seis famílias, totalizando 32 pessoas, a maioria falando língua materna com pouco domínio de língua portuguesa. Mesmo os *Pandeeréj* ainda praticando sua tradição cultural, algumas coisas já vão desaparecendo, por exemplo o cesto de palha de tucum, que sempre foi muito usado na minha cultura. É sobre a produção deste cesto que fiz a minha pesquisa, porque só são três pessoas da minha comunidade, que sabem fazer o cesto e não estão mais ensinando os mais jovens a fazer este cesto, por isso achei que é importante registrar como é que se faz um cesto tradicional do povo *Pandeeréj*.

Este trabalho, além de eu mesma conhecer as técnicas de fazer o cesto Cinta Larga, é também para incentivar os mais jovens a confeccionar nosso artesanato. É importante ainda como fortalecimento de alguns traços da nossa cultura, como por exemplo, o uso deste cesto, porque podemos manter um pouco do que os nossos avós deixaram como herança de sua identidade para a cultura do povo *Panderéj*.

Esta pesquisa tem o objetivo de registrar como se faz o cesto de palha de tucum, que é um utensílio de muito uso do povo *Pandeeréj* que mora na região de Aripuanã-MT, embora as pessoas tenham usado mais os utensílios comprados na cidade. Neste trabalho está registrado todo o processo de preparação das palhas de tucum e também mostra os passos de como é feito o cesto. É importante também o registro sobre os modos de uso deste cesto pelas mulheres. O registro deste material escrito será de grande valor para a nossa comunidade, pois também traz os mitos e a história *pandeeréj*. Registrar o jeito de fazer o cesto de palha de tucum que é muito importante, pois é parte da nossa identidade cultural.

Para fazer esta pesquisa foi feita entrevista com a anciã Karina Cinta Larga, de trinta e oito (38) anos, Maria Cinta Larga, de setenta e oito (78) anos, moradoras da Aldeia Areão, localizada no Município de Aripuanã-MT. A entrevista foi bastante tranquila e a conversa bem natural. Para entrevistar eu perguntei como se faz o cesto de palha e elas foram falando e me

explicando. Eu anotei o que elas falavam e depois eu digitei no computador. Eu também fotografei as mulheres fazendo o cesto de palha e como fazem para preparar a palha.

Este trabalho está organizado em três capítulos, sendo que o Capítulo I tem o objetivo de caracterizar o povo *Pandeeréj* e, logo no início, traz o mito de origem do povo. O Capítulo II trata especificamente do cesto de palha de tucum, iniciando também com o mito de origem do cesto de palha de tucum e, em seguida, esclarecendo os modos de confecção do cesto. No capítulo III é apresentado a história de duas anciãs entrevistadas, já que elas é que dominam a técnica de confecção do cesto. Em seguida, faço as considerações finais, como uma conclusão do trabalho e, posteriormente, faço o registro sobre os consultores nativos.

CAPÍTULO I – O POVO PANDEERÉÉJ

Neste capítulo serão apresentadas as informações principais sobre o povo *Pandeerééj*, como seu modo de vida, sua localização, bem como trata de modo especial da aldeia Areão, que o local onde se realizou esta pesquisa. Inicialmente, o capítulo traz o registro do Mito de Origem do povo *Pandeerééj*, narrado por um ancião da aldeia Areão.

1.1 Mito de origem do povo *Pandeerééj*

Meu pai, quando eu era criança, contava a história da origem dos clãs do povo *Pandeerééj*, que é a história do mito de origem que eu sei e vou registrar aqui.

Segundo ele, antigamente, Ngura [Deus] vivia junto com o seu neto, na terra, mas Ngura não tinha ideia do que seu neto fazia. Enquanto Ngura buscava uma solução para criar novas pessoas desenhando nas pedras, o seu neto fazia relação sexual com o barro (argila), pois a argila sugava o seu espermatozoide, e por isso não conseguia fazer um filho, porque a argila não possuía útero. Num certo momento, o neto de Ngura (Deus) juntou seus espermatozoides em um ouriço de uma castanha e foi daquele ouriço que conseguiu dar vida a uma criança, assim deu origem ao clã *Máám*.

Então ele começou a criar os descendentes. O primeiro descendente foi o *Máám* [castanheira], que criou pegando um ouriço da castanha e fez surgir dela uma criança, por isso o clã de *Máám* é de origem da castanheira. O segundo foi o clã *Kaban*, que surgiu quando o neto de Ngura colocou seu espermatozoide numa fruta da árvore de Mirandiba [*kabannaap*] e nasceu outra criança. O terceiro foi a vez do *Kakin*, que originou quando o neto de Ngura colocou seu espermatozoide na fruta de um cipó chamado *Kakinaap*. Então assim apareceram todos os descendentes dos clãs do povo *Pandeerééj*.

1.2 Sobre povo *Pandeerééj*

O povo *Pandeerééj* é um grupo indígena falante da língua materna que tem o mesmo nome, *Pandeerééj*, que na classificação linguística é pertencente à família linguística Tupi-Mondé, do tronco Tupi. O nome do povo Cinta Larga foi uma denominação dada pelos não indígenas na época do primeiro contato, pelo fato de que os índios estavam usando na cintura

uma faixa de entrecasca de uma árvore chamada de caxemira. O povo Cinta Larga se autodenomina *Pandeeréej* que significa “nós somos gente ou pessoas humanas”.

O povo *Pandeeréej* está situado nas áreas do Parque Aripuanã, na Terra Indígena Aripuanã e Terra Indígena Serra Morena, no Estado de Mato Grosso e na TI Roosevelt, no Estado de Rondônia. O total da população Cinta Larga é de 1871 pessoas, segundo O Sistema de Informações da Atenção e Saúde Indígena – SIASI, sendo que em Aripuanã vivem 366 pessoas, em Juína tem um total de 346 e em Cacoal (Rondônia) vivem 1.139 pessoas *pandeeréej*.

Entre o povo Cinta Larga existem três clãs: *Kaban*, *Kakin* e *Máám* e este último ainda tinha os subgrupos: *Máándleej*, *Máágyyj* e *Máándúúleej*, mas já desapareceram. Os clãs *Kaban* e *Kakin* não tem subgrupos. Segundo contam os anciões, antigamente, havia mais de três clãs do povo *Pandeeréej*, mas com os conflitos que existiam entre os clãs *Máánggyyéj* e *Wabeapbéj*, estes dois acabaram desaparecendo. Os que resistiram aos conflitos foram só os três que atualmente estão vivendo na região de Aripuanã e Rondônia *Kaban*, *Kakin* e *Máám*.

Entre os *Pandeeréej*, é costume dizer que existe uma classificação entre os clãs de acordo com a cor da pele e sua estrutura física: o clã *Máám* tem a pele de cor morena escura, são altos e magros. As pessoas do clã *Kaban* tem a pele um pouco mais clara, são baixos e geralmente são gordinhos. Já pessoas do clã *Kakin* também são altas e têm a cor da pele ainda mais clara. As mulheres *Kakin* tem os cabelos enrolados (cacheados) e as mulheres *Kaban* e *Máám* tem os cabelos lisos. São essas as característica de cada clã e, com estas características, os *Pandeeréej*, em geral, conseguem saber a qual clã uma pessoa pertence só de olhar para ela. Com o passar do tempo os casamentos interétnicos ficaram mais frequentes, devido a isso essas características começaram a mudar, pois pode-se ver uma pessoa *Máám*, *Kaban* e *Kakin* alto e baixo, mais gordo e mais magro, etc. Ou seja, com os casamentos, foram se misturando as pessoas dos diferentes clãs e misturando as características que antigamente eram bem certas.

No começo, Ngura [Deus] chamava cada clã pelo nome, mas depois ele escolheu um nome para denominar a todos, e deu o nome de *Pandeeréej*, ou seja, é o nome tradicional do povo e que é usado por todos da etnia, embora, a maioria acabe se autodenominando de Cinta Larga. O nome *Pandeeréej*, é usado para referir plural, por isso que é escrito com duas letras “e” e quando é uma só letra é sentido de singular.

O povo *Pandeeréej* também se reconhece pela região onde mora, como os *Máám* que também são chamados de *Mbipkareej*, porque moram em área onde tem muito palmito (*Mbipkareej*) e está localizada, a maior parte, em Rondônia, nos municípios de Cacoal e Espigão do Oeste. A maior parte dos *Kaban* está em terras de Mato Grosso e as pessoas *Kaban*

são chamadas de *Pasapkaréj*, pois moram em região de muito babaçu (*Pasapkaréj*), cujo Município é Aripuanã. Já a maior parte dos *Kakin* vive no Município de Juína e as pessoas são chamadas e conhecidas como *Ngaaruluwéj*, pois moram numa região que é comum se ver o pôr do sol (*Ngaaruluwéj*).

Então, existem símbolos que representam a origem de cada clã. Para os *Máám* o símbolo é a castanheira, já o símbolo do clã *Kaban* é a árvore de Mirandiba e o símbolo do clã *Kakin* é a fruta do cipó *Kakinaap*.

Antigamente os casamentos eram somente entre clãs diferentes, como por exemplo, uma pessoa do clã *Máám* casava com uma *Kaban*, ou, um *Kakin* casava-se com uma *Máám*, ou também o inverso. As regras eram rígidas e não poderia haver casamento com pessoas do mesmo clã, pois era pecado para eles. Caso se casassem entre membros do mesmo clã, o filho deles nasceria deficiente. Portanto, o casamento era permitido só com membros de outros clãs. Na maioria das vezes os *Máám* escolhiam as *Kaban* como suas esposas porque elas eram as esposas ideais para eles. As mulheres *Kakin* não eram boas esposas, pois elas eram muito ciumentas, por isso era raro casar com elas.

Atualmente o povo *Pandeeréj* ainda usa a língua materna no dia a dia e poucos, na Aldeia Areão, falam a língua portuguesa.

Na região de Aripuanã o povo *Pandeeréj* vive em sete aldeias espalhadas pelo território e, apesar das mudanças e das práticas da sociedade ocidental estarem cada dia mais presente nas comunidades, ainda praticam muito de sua cultura tradicional. A seguir vou explicar um pouco sobre a Aldeia Areão, que é onde moro e foi lá que fiz a pesquisa.

1.3 A aldeia Areão

Nesta seção vou falar da aldeia Areão e, ao falar de como vivemos nesta aldeia, acabo por trazer mais informações sobre o povo *Pandeeréj*.

Moro na aldeia Areão, que se localiza a 110 km da sede do município de Aripuanã-MT. Nesta aldeia moram seis famílias, que tem um total de 32 pessoas, a maioria do clã *Kaban*. Na minha Aldeia as casas são construídas por filas. São duas filas de casas e, ao todo, são 9 casas construídas e dois banheiros comunitários. Minha aldeia é bem perto do Rio de Flechas.

Nesta aldeia tem a Escola Estadual Indígena *Pasapkaréj*, onde estudam cerca de 15 alunos. A escola trabalha com alunos do primeiro ciclo até a 1ª fase do 2º ciclo, atendidos por dois professores.

Agora, em geral, nas sete aldeias, as casas são construídas de madeira e algumas (três) são de alvenaria que a FUNAI mandou fazer, pois as pessoas necessitavam muito destas casas. A FUNAI também construiu os banheiros comunitários, que também fizeram em todas as outras aldeias também.

Figura 1 – Vista da Aldeia Areão



Fonte: Luiz Kakin, 2016

O modo de sobreviver do povo *Pandeeréj* é através de várias atividades. A alimentação é conseguida através da pesca e principalmente da caça. Os peixes que meu povo mais gosta são o piau e o pacu. Das caças, o porcão é o mais comum para se comer e de vez em quando tem anta para comer também. Os alimentos são preparados de diversas maneiras e é mais comum os alimentos serem preparados assados e cozidos, tanto os peixes como os animais.

Alguns alimentos vêm da produção da roça, onde se produz mandioca, cará, batata-doce, amendoim, entre outros. Todos estes alimentos são muito apreciados por meu povo. Na mata nativa tem muitas castanheiras e nós nos alimentamos muito da castanha também. Esses alimentos são mais comuns a gente comer eles cozidos e o amendoim e a castanha geralmente são assados. Também consumimos bastante chicha, que é feita de mandioca, cará e milho. Toda casa, em geral, tem chicha para beber. Quando tem festa nas comunidades é feito bastante chicha para servir todos os convidados. O mel também é um alimento que os *Pandeeréj* gostam muito e é coletado na mata. Usamos mel para fazer chicha, para comer com castanha ralada e fica como se fosse um doce de castanha misturada com mel. Também nossa alimentação é feita de frutos da mata como *pama* (uma fruta pequenina parecida com pimenta, mas é doce), açai, patoá (tipo de coquinho), cacau do mato.

A alimentação que o povo gosta mais são os peixes assados, mas com muita mudança no modo de vida, agora usamos outros alimentos comuns dos não indígenas, principalmente o arroz, feijão, óleo e outros que consumimos. Algumas mulheres confeccionam artesanato para vender e com o dinheiro compram o que necessitam. A comunidade acha que é preciso que tenha um ponto de venda para esses artesanatos, mas não temos um projeto que é diretamente voltado a esse trabalho, ainda.

A castanha é uma fonte de renda atualmente, porque hoje tem vários projetos que ajudam o povo *Pandeeréj* a lidar com a coleta e comercialização de castanha, assim o meu povo consegue ter uma renda familiar para aqueles que ainda não tem uma formação ou emprego, mas precisa de recursos para adquirir coisas que não conseguem produzir, como o óleo, o arroz e outros.

O povo *Pandeeréj* ainda pratica muito de suas tradições culturais, como as festas. As principais festas tradicionais são a *Íi wae* [festa da chicha] e a *Ngyytkaéj*, que é a festa que acontece quando se mata um animal que estava sendo cuidado e engordado pela família para comê-lo em festa. Nestas festas o povo pratica as danças e usam as pinturas corporais tradicionais do povo.

Figura 2 - Grupo de Pandeeréj cantando a música do porcão e usando a flauta



Fonte: Paulo Kaban Cinta Larga, 2016

Meu povo ainda preserva algumas práticas e costumes espirituais, por exemplo, tem rituais e costumes tradicionais na época que nasce uma criança e também quando a menina menstrua pela primeira vez. Entre os *Pandeeréj*, quando nasce um bebê, o pai e a mãe devem fazer resguardo até eles passarem remédios da cultura. Se os pais não fizerem esse resguardo

eles então correm risco de ter barriga d'água. Também o bebê deve beber um chá e passar o remédio no corpo, para evitar que seu corpo fique cheio de feridinhas e que também fique desnutrido. Esse resguardo é importante ser feito o mais rápido possível, pois somente depois do resguardo que os pais poderão voltar a trabalhar. Para os pais são feitos dois tipos de banho, um serve para lavar o corpo e o outro é para lavar os pés. O chá que lava os pés é para evitar que sanguessugas penetrem em seus pés. Quem prepara todo o remédio é a avó do bebê.

No período do resguardo os pais do bebê não poderão comer muito, senão a criança ficará gulosa. Também não poderão entrar no rio para tomar banho. O banho deve ser só com água de balde, pois se eles desobedecerem esta regra, o trovão pode pegar seus espíritos na hora do banho. Os dois precisam ter cuidado para não comer carne de cateto, carne suína, peixe cachorro e tambaqui, porque comer essas carnes, nesse período, é muito perigoso para eles e para o bebê, pois a criança pode ter cólica, tontura e até morrer se os pais comerem estas carnes. O pai da criança não pode andar muito, senão os sanguessugas entram em seus pés, só poderá passear depois que passar o remédio.

Antigamente, quando a menina atingia a idade de menstruar, pela primeira vez, ela devia guardar um tempo de resguardo. A mãe deixava ela em uma oca fechada por dois meses ou até três meses fazendo colares e jejum. Neste tempo ela não podia tomar água e só podia beber chicha. Também não podia falar alto, então só conversava baixinho com as pessoas ao seu redor. Além de fazer artesanato, ela também ia aprender quebrar lenha. Assim, depois de tudo que ela aprendia durante o resguardo ela já poderia ser considerada uma mulher sabida. Quando ela saía do resguardo os *Pandeeréj* faziam uma grande festa, mas essa festa de menina moça já não é realizada pelo nosso povo, porque os pais não fazem mais questão que as filhas fiquem de resguardo, ou seja, já não pratica mais essa festa tradicional.

A seguir, vou começar a tratar especificamente do cesto de palha de tucum feito pelas anciãs *pandeeréj*.

CAPÍTULO II - O CESTO DE PALHA DE TUCUM

Neste capítulo, vou explicar sobre como se faz o cesto de palha de tucum do meu povo. Antes disso, porém, preciso relatar o mito de origem do cesto de palha de tucum feito pelo povo *Pandeeréj*. Toda pessoa que vai aprender a fazer o cesto deve também saber o mito, porque é parte da história do nosso povo, por isso é importante, antes de explicar como se faz o cesto de palha de tucum, relatar o seu mito de origem.

2.1 Mito de Origem do cesto de palha de tucum

Certo dia, o nosso Deus foi caçar na mata. Quando ele não achou nada no mato, nem um bicho, ele voltou muito triste para a aldeia e, de repente, ouviu barulhos dos urubus na direção dele. Quando olhou para ver o que estava fazendo o barulho, viu que era alguns urubus comendo um animal morto e percebeu, naquele momento, que apareceu uma moça para também comer o animal. Ela era bem bonita e estava carregando um cesto cheio de batata doce. Ele continuou a caminhar para chegar à sua aldeia e quando chegou foi descansar. Assim que ele acabou de descansar, ele contou para o povo que viu uma moça urubu, muito bonita, que estava comendo um animal podre, e ele falou que iria se casar com ela. Então as pessoas da aldeia falaram para Deus que ela comia coisa podre, isso não era bom, mas Deus falou que iria casar com ela assim mesmo. Ele disse:

– Eu vou amanhã ver ela e se eu gostar, vou trazê-la.

Quando amanheceu, ele foi ao mesmo lugar que a encontrou. Assim que chegou onde estava o animal morto, Deus se transformou em um animal podre para atrair a moça até o lugar. Logo, ela veio chegando para comer e, assim que ela chegou bem desconfiada, se aproximou bem perto e Deus, de repente, pegou a mão dela e ela assustou. Deus falou que não ia fazer nada com ela, e disse que apenas queria ela como esposa para se casar. Aí ela aceitou e foi com ele para a aldeia onde ele morava.

Depois de alguns dias ela sentiu confiança em Deus e começou a fazer o que mais gostava, fazer cesto de palha de tucum. Então Deus ficava observando ela fazer. Depois de alguns dias, ela conseguiu a amizade de uma das mulheres da aldeia e começou a ensiná-la a fazer o cesto. Assim as duas tiveram grande amizade e logo outras mulheres *pandeeréj* começaram a ter preconceito com a mulher urubu. Elas falavam mal da mulher urubu e diziam que ela só comia carniça. Quando ela se cansou de ouvir os xingamentos e as mulheres falando

mal dela, decidiu ir embora para junto da família dela, então ela falou para Deus que ia embora. Quando ela foi embora a sua amiga Pandee fazia o cesto e as outras mulheres perguntaram com quem ela tinha aprendido a fazer o cesto, aí ela respondeu que tinha aprendido com a mulher urubu.

Esse é o mito da origem do cesto de palha de tucum do povo *Pandeeréj*.

2.2 O Cesto de Palha de Tucum

Antigamente, o cesto de palha de tucum era muito utilizado na rotina do povo *Pandeeréj*. Atualmente, nem todas as famílias tem e usam este cesto da cultura tradicional. Hoje em dia, muitas coisas são compradas na cidade, como bacias de plástico, que fazem a mesma função do cesto tradicional. Muitas famílias acham mais fácil e comprar a bacia de plástico na cidade do que confeccionar o cesto de palha de tucum.

Atualmente o cesto é usado para colocar e guardar artesanatos, temperos dos alimentos e serve também para colocar pequenos objetos. São feitos em três tamanhos, pequeno, médio e grande. Para fazer o cesto de palha de tucum é preciso saber a melhor época, porque tem que ir na mata para coletar o material do tucum e também precisa ter o tempo certo para preparar todo o material.

A melhor época para se fazer o cesto é no verão, porque é um tempo de sol bem forte e fica fácil para secar a palha do tucum. Quando elas ficam no sol, vão ficando bem brancas, prontas para serem usadas, por isso essa época é melhor. No período de chuva as palhas ficam molhadas e não servem para fazer o cesto. Por isso as mulheres não gostam de fazer o cesto na época de chuva.

Para fazer o cesto é preciso ir na mata e coletar o broto da palha do tucum, que é um tipo de coqueiro cheio de espinhos grandes no seu tronco e também nos talos das folhas. Depois de colher as folhas, tem que pegar as palhas secas de tucum e sacudi-las para retirar as palhas mais compridas, só depois disso poderá começar a trançar as palhas para formar o cesto.

Figura 3 – Pé de Tucum

Fonte: Luiz Kakin, 2016

Mulheres com bebês recém-nascidos não podem fazer o cesto. Se elas teimarem, em fazer o cesto, seus bebês podem adoecer. O cesto é feito de *malúúj akíít* (broto de palha de tucum). É preciso ter muito cuidado para se tirar a palha do pé de tucum, porque o tucum tem muitos espinhos. Também não se tira palha do pé de tucum que já está velho, porque o pé de tucum fica muito alto, então é recomendado tirar a palha quando a planta está mais nova. Por isso a mulher escolhe o pé mais novo porque fica mais fácil de tirar as palhas do broto, pois é mais fácil de alcançar na hora de pegar o broto.

O cesto é feito somente pelas mulheres. Atualmente a maioria das mulheres da aldeia não sabem mais fazer o cesto de tucum e por isso quase não se usa mais esse cesto.

2.3 A confecção do cesto de palha de tucum

Para fazer o cesto de tucum é preciso, antes, ir até o cerrado para escolher o pé de tucum, escolher as palhas que servirão para confeccionar o cesto. Quando se coleta as folhas do tucum logo depois é preciso tirar os espinhos dos talos, só depois pode juntar as folhas para levá-las nos braços para casa.

Quando as mulheres chegam em suas casas, elas sacodem as palhas, retirando as mais compridas e começam a escolher as palhas mais novas e curtas. Depois de escolhidas as palhas, as mulheres organizam as palhas por tamanho e deixam no chão para pegar elas com facilidade.

Depois começam a trançar a primeira parte, que é a base do cesto, encaixando as folhas de quatro em quatro para formar o fundo do cesto e ficar no tamanho escolhido por ela.

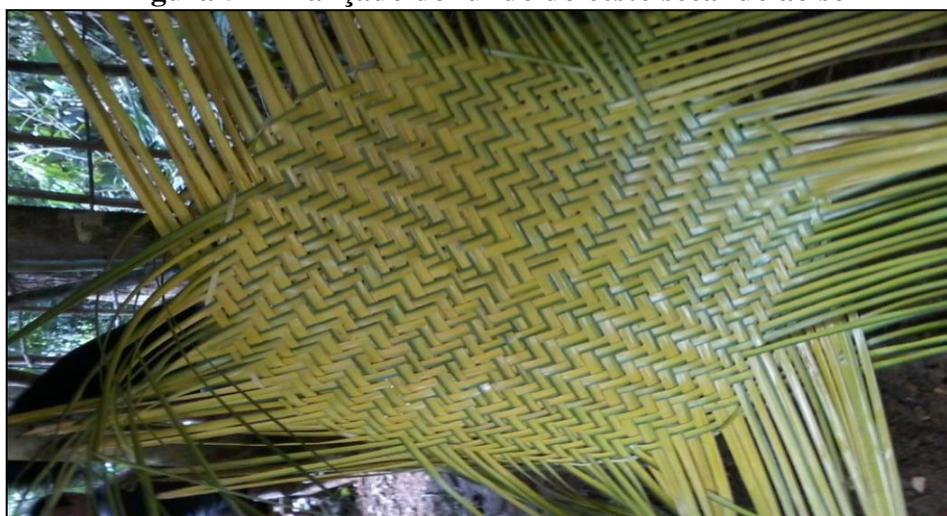
Figura 4-- Mulheres começando a trançar as palhas do Tucum



Fonte: Luiz Kakin, 2016

Depois que se trança as palhas, no tamanho que se quer, e forma a primeira parte do cesto, pega-se o material e deixa dois ou até três dias no sol. Isso é feito para que as palhas fiquem claras e bem secas.

Figura 5 – Trançado do fundo do cesto secando ao sol



Fonte: Fátima Cinta Larga, 2016

Durante o tempo que a primeira parte do cesto está no sol, a mulher que está fazendo o cesto deve virá-la constantemente, para que todas as palhas peguem sol e fiquem totalmente secas. Esse processo é importante para que, na hora de trançar as laterais, as palhas não se quebrem.

Depois que as palhas já estão bem secas, a mulher deve levantar-se bem cedo para recolher as palhas que estavam no sol e levá-las para dentro de casa e começar a trançar as laterais e dar forma ao cesto.

Para finalizar ela deve cortar as pontas das palhas que sobraram. O cesto vai ficar parecendo uma bacia e não tem desenhos.

Figura 6 – Meninas segurando um cesto de palha de tucum pronto



Fonte: Fátima Cinta Larga, 2016

Uma mulher consegue fazer até seis cestos por dia, pois essa tarefa é fácil para as mulheres que tem prática. A duração desse cesto é de até quatro nos, se for bem cuidado e não ficar lavando constantemente.

Depois de pronto, pode ser usado conforme a necessidade e escolha da mulher. Tradicionalmente esse trabalho nunca pode ser feito por homens.

CAPÍTULO III - HISTÓRIA DAS MULHERES QUE SABEM FAZER O CESTO DE PALHA DE TUCUM

Considerei importante registrar a história das duas mulheres que foram as consultoras nativas para a realização deste trabalho, porque elas são as únicas que ainda possuem o conhecimento tradicional da confecção do cesto de tucum.

Assim, penso que estou valorizando o conhecimento delas e também valorizando a nossa cultura. Abaixo vou transcrever a história de cada uma conforme elas foram me relatando. Elas relataram em língua materna e eu gravei, depois fui ouvindo e escrevendo a versão para a língua portuguesa, já direto no computador.

3.1 História da anciã Maria Kaban Cinta Larga

Figura 7 – Maria Kaban Cinta Larga



Fonte: Fátima Cinta Larga, 2016

Maria Kaban Cinta Larga, que aparece na foto acima, tem 78 anos e assim me relatou sua história:

Eu nasci na aldeia Areão. Ainda quando eu era bebê mataram meu pai, por isso nós não parava de mudar; não conheci meu pai, mas minha mãe contou:

- Quando seu pai morreu nós foi onde seus avós morava na outra aldeia, por que lá ficava minha família, na aldeia Abelha.

Lá comecei engatinhar e aprender a andar. Depois nós saiu dessa aldeia para construir outro aldeia, que se chama Jawepiej Wekapee, onde meus avós fez sua aldeia; avós morava lá e fiquei mas o menos cinco anos. Também lembro que os meus avós fez festa de tomar chicha; eu lembro um pouco quando fizeram a festa, eu não lembro muito bem, só sei que fez festa. Depois nós foi para aldeia Nguraee; eu sei que eles não parava de mudar das aldeias; nós andava todas as aldeias, eu acho que nós ficamos três anos lá. Depois nos fomos só passear na aldeia flautinha, de lá nos fomos para a cidade onde era aldeia maior, que tinha muita gente que ali morava. Foi aí que eu me tornei uma mocinha até que nos ficamos muito tempo nessa aldeia, ai começamos andar novamente, assim nos foi para Guariba para construir ótima aldeia e di lá eu lembro, mas por que já estava uma moça por isso lembro muito bem onde andamos; já estava moça, essa aldeia que eles fez e ótima aldeia deles. Só até ai contei a minha história. Agora vou pensar onde vou morar hoje eu achei que vou morar na aldeia Areão talvez, só vou vim quando cansar de fica na cidade.

3.2 História de Karina Cinta Larga

A consultora nativa, Karina Cinta Larga, tem 38 anos e assim ela relata sua história de vida:

Agora vou tentar contar um pouco sobre a minha história. Nós morava na aldeia Rio Preto um pouco o que eu lembro depois minha mãe foi para Rio Branco onde lembrou que ela me criou longe das pessoas depois que meu pai morreu eu achou estava com cinco anos de idade também não lembro bem como ele adoeceu e morreu só sei que meus irmãos e minha mãe me criaram na aldeia. Gente Boa também lembro que eu sofri lá. Por isso eu estou aqui na aldeia Taquaral, na divisa, para que minhas filhas poderem estudar. (Risos).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa é muito importante, pois é uma forma de registrar a história e a origem de uma das atividades tradicionais do povo *Pandeeréj*. É importante, também, porque valorizamos o conhecimento de anciãs que ainda possuem o domínio da arte da confecção do cesto de tucum, que está sendo pouco valorizado pelos jovens *pandeeréj*. Percebemos também que é um artesanato que não está sendo utilizado como uma prática da nossa cultura, artesanato este que veio desde nossos antepassados. Por isso é que achamos de grande importância fazer esse trabalho.

Penso que registrar o processo de confecção do cesto de tucum é estar valorizando o conhecimento dessas mulheres, suas histórias de vida e principalmente resgatar um pouco da nossa cultura, do povo *Pandeeréj*. Um utensílio de grande valor para nosso povo que mora na região de Aripuanã-MT. Aqui vai ficar registrado como é a preparação das palhas de tucum e também mostra como é feito o cesto de tucum e como é usado pela mulher.

No decorrer do trabalho de confecção do cesto de palha de tucum, muitas pessoas acompanharam as anciãs fazendo o cesto. Entre as pessoas, tinham várias meninas, então, penso que estas meninas irão dar continuidade nesta atividade de confecção do cesto de palha de tucum, assim, é uma parte da cultura material do povo *Pandeeréj* que está sendo revitalizada na comunidade da Aldeia Areão.

CONSULTORES NATIVOS

Karina Cinta Larga tem 38 anos e ela é falante da língua materna.

Maria Kaban Cinta Larga tem 78 anos e é falante da língua materna.